

A ética da enunciação analisante desde Sigmund Freud

Fernanda Otoni de Barros-Brisset

"Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo".

"Vou, se não dobro o céu, mover o inferno"¹. Assim vociferou a deusa Juno!

Como não conseguiu através dos poderes superiores de Júpiter vingar-se de Enéas, rei de Roma, Juno decidiu apelar para as forças do submundo. Para tanto, chamou à sua presença Alecto, fúria do inferno - para desencadear emoções possessivas de sexo e ataque militar no lado de Enéas e seus aliados. Alecto é uma das Erínias, assim como suas irmãs Megaera e Tisífone, encarregadas de castigar os crimes dos homens. A descrição de Virgílio é aterradora: trata-se de monstros alados, bissexuados, em um corpo de mulher fálica semelhante ao de uma Górgona, com uma cabeleira fervilhante de serpentes negras e retorcidas. Sob o comando da Deusa Juno, essas bestas aladas gozavam da tormenta e do absurdo que semeavam no caminho de Enéas, pelo resto dos versos da Eneida virgiliana.

Despertar o submundo nunca é sem consequências.

Freud, em carta a Fliess, de 17 de julho de 1899, conta-lhe que havia ali encontrado a frase para a abertura de *A interpretação dos sonhos*. Passados vinte e sete anos, Freud esclareceria a Werner Achelis, como consta em nota de rodapé da referida citação na abertura da sua obra, que com essas palavras ele quis representar as pulsões agitadas e reprimidas pelos poderes superiores da mente, afirmando que "o desejo rejeitado pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo recalçado do sonho) agita o submundo psíquico (o

inconsciente) para se fazer escutar". E termina a nota assim: "O que pode você ver de prometeico nisso?"².

A referência aqui é a Prometeu - um dos Titãs que atravessou o Olimpo para roubar o fogo dos Deuses e entregá-lo aos homens. Com tal ato oferece à humanidade algo que a transformaria para sempre. Essa ultrapassagem não foi sem consequências. Como sabemos, por causa de seu ato, ele foi amarrado e deixado sozinho num rochedo, com seu fígado exposto a céu aberto, noite e dia, para o ataque permanente dos abutres. Prometeu, contudo, resistira, não poderia recuar.

Seguindo nossa investigação arqueológica, digamos assim, desta obra freudiana, somos levados a perguntar: o que haveria então de "prometeico" no fato de Freud ter tomado a frase de Virgílio como a chave para sua obra?

Consta nos registros que quando Freud entregou *A interpretação dos sonhos* à humanidade, o mundo científico virou-lhe as costas. Foi simplesmente ignorado. Apenas 123 exemplares foram vendidos nas primeiras seis semanas. As poucas e pequenas notas em jornais traziam uma análise crítica das mais desdenhosas, levando as vendas a zero. Ernest Jones anota que "as críticas publicadas foram tão arrasadoras quanto o completo silêncio"³.

Freud não passa por isso ileso. Em 23 de março de 1900, em carta a Fliess, escreve:

Nunca houve um semestre em que eu desejasse mais ardentemente estar com você e com sua família do que o que acabei de passar. Passei por uma crise interior profunda, e você o comprovaria se pudesse ver como ela me envelheceu. (...) O que me oprime não pode, certamente, ser remediado. É a minha cruz e devo carregá-la, mas deus sabe que as minhas costas se tornaram visivelmente encurvadas como resultado desse esforço⁴.

Freud contudo resistira, não podia recuar. No prefácio à segunda edição, mesmo após atravessar a decepção com a

recepção de sua obra no círculo dos intelectuais, afirmaria: "durante os longos anos em que venho lidando com os problemas da neurose, muitas vezes tive dúvida e minhas convicções ocasionalmente foram abaladas. Nessas ocasiões, sempre a interpretação dos sonhos me restituiu a certeza". Isso foi em 1908. Anos mais tarde, em 1931, mais uma vez afirmaria que a interpretação dos sonhos era a mais valiosa de todas as descobertas que teve a felicidade de fazer. "Um discernimento claro como esse, só acontece uma vez na vida"⁵.

Freud soube, ao terminar de escrevê-la, que entregaria à humanidade a enunciação de um saber inédito. Contrariando os poderes superiores, remexeria o submundo. E acertou mais uma vez ao esperar algo de prometeico desse acontecimento. Freud sofreu e sustentou os efeitos de seu ato.

Não poderia ser diferente, pois ainda na parte inicial da obra, antes de adentrar nas considerações sobre a interpretação dos sonhos, Freud deixa claro que não caminharia ao lado da ciência; ele a critica e parte em outra direção. Tomei nota do seu comentário quando compara as teorias científicas ao conhecimento popular sobre a interpretação dos sonhos. "Fui levado a compreender que temos aqui, mais uma vez, um daqueles casos incomuns em que uma antiga crença popular, ciosamente guardada, parece estar mais próxima da verdade que o julgamento da ciência vigente em nossos dias"⁶.

Essa passagem deixa claro que Freud já havia se afastado da ciência bem antes desta lhe virar as costas. A interpretação dos sonhos foi o atestado dessa separação. Freud parecia convencido, ao contrário do pensamento científico da sua época, de que haveria no sonho certo sentido.

Ele segue investigando as interpretações usadas pelo senso comum, os intérpretes da antiguidade e registra em nota de rodapé o que disse Artemidoro de Daldis, um autor

do ano II d.C.: "uma coisa no sonho significa o que ela recordar à mente - a mente do intérprete". Se Freud o cita é para divergir dele em um ponto essencial, pois Freud "não se interessa pelo que acontece com o intérprete, mas com o que ocorre ao sonhador"⁷.

Pois bem, se a experiência de Freud não o permitira seguir ao lado da ciência, tampouco encontrou seu lugar ao lado da sabedoria ancestral. Parte em voo solo e o que apresenta sobre a interpretação dos sonhos é absolutamente inaugural. Freud constata que o sentido do sonho surge e se enuncia naquele que sonha. Esse segredo lhe foi revelado no verão de 1895, conforme consta em sua carta a Fliess, bem depois, já em 1900. Nesta carta ele afirma que essa revelação se deu através de seu próprio sonho, o da injeção em Irma.

Freud o sonha e busca interpretá-lo. Endereça seu esforço para onde supõe um outro com o desejo de escutá-lo. Seu esforço é o da transferência. Abre as portas desse submundo (o inconsciente), sabe-se autorizado, pois a chave da interpretação do sonho está com o sujeito que sonha. Aconteceu com Freud e ele não poderia guardar consigo esse acontecimento. Do desejo de transmiti-lo, nasceu a psicanálise! Não se trata de uma técnica. Trata-se da ética da enunciação analisante.

O sonho da injeção em Irma

É o sonho dos sonhos, diria Lacan. Sonho que permitiu a Freud saber que para além do eu havia um outro que falava em si. Lacan vai dizer que Freud procura a resposta do sentido dos sonhos "fazendo a pergunta lá onde o sujeito pode fazê-la para si mesmo - ele analisa os seus próprios sonhos. E é precisamente por falar dele mesmo, que faz aparecer que outrem que não ele fala em seus sonhos. E é justamente isto que Freud nos confia. Outrem,

aparentemente, um segundo personagem está em relação com o ser do sujeito". Mas que sujeito é este? Eis a pergunta que o sonho de Irma inaugura, colocada na obra de Freud, desde o começo até o fim⁸.

Naquela época o jovem Freud, como ele mesmo declara, comprometido em dar provas do seu método para a cura das neuroses, toma em tratamento uma amiga da família, o que em si já potencializaria sua exigência de êxito. Entretanto, o tratamento terminara em êxito parcial. Aparentemente ela ficara livre da angústia, mas não de todos os seus sintomas. Nessa ocasião, recebeu a visita de um amigo que disse - num tom que Freud interpretou como uma reprovação - que a paciente estava melhor, mas não inteiramente boa. Freud não fez nenhum comentário, mas passou a noite escrevendo o caso para endereçá-lo a um amigo médico, reconhecido na sua profissão. Era seu modo de se justificar. Ao ir dormir, sonha:

Um grande hall - muitos convidados que recebemos. Entre eles, Irma, que levo imediatamente para um lado, como se fosse para responder a sua carta e repreendê-la por não haver ainda aceito a "solução". Digo-lhe: "se você ainda sente dores, é realmente, apenas por sua culpa". Ela responde: "se você soubesse as dores que sinto na garganta, no estômago e na barriga, isto me sufoca". Fico amedrontado e olho para ela. Ela parece pálida e inchada. Penso: afinal, deixei escapar, então, alguma coisa orgânica. Levo-a até a janela e examino-lhe a garganta. Ela se mostra um tanto quanto resistente como fazem as mulheres que usam dentadura postiça. Penso comigo mesmo: no entanto, ela não precisa disso. Então, ela abre bem a boca e descubro, à direita, uma grande mancha branca, e em outro lugar, avisto extensas crostas cinzas esbranquiçadas sobre extraordinária estrutura crespada que evidentemente são modelados nos cornetos do nariz. Chamo depressa o Dr. M., que repete o exame e confirma [...]. o Dr. M. tem uma aparência muito diferente da costumeira; ele está muito pálido, claudica e tem o queixo escanhado. Meu amigo Otto também está agora ao lado dela e o amigo Leopold a auscultava por cima do corpete e diz: "ela tem uma área surda

bem embaixo à esquerda". Indica também uma região infiltrada da pele, no ombro esquerdo (o que noto como ele, apesar da roupa)[...] M. diz: "Não há dúvidas, é uma infecção, mas não tem importância; sobreviverá à disenteria e a toxina será eliminada [...]. Sabemos também diretamente de onde provém a infecção. Meu amigo Otto deu-lhe, não faz muito tempo, quando ela não estava se sentindo bem, uma injeção com um preparado de propril, propileno [...] ácido proprionico [...] trimetilamina (cuja fórmula vejo diante de mim, em negrito) [...] injeções como essas não devem ser aplicadas de forma tão impensada [...]. E, provavelmente, a seringa não estava limpa⁹.

Freud interpreta o próprio sonho, que parte de um anseio de onipotência, o desejo de curar. Dos restos diurnos anota que na noite anterior havia estranhado o tom dos comentários de seu amigo. Esse tom o inquietara. Aquele tom havia desencadeado algo em Freud, perturbara-lhe o sono, o submundo freudiano fora despertado. O sonho da injeção em Irma o levaria até o buraco que se abre quando se busca saber a verdade e mais além.

Ao final do seu esforço de interpretação, Freud afirmaria ter saltado aos seus olhos que o sonho havia realizado certos desejos provocados pelas notícias recebidas na noite anterior. Não era ele o responsável pela persistência das dores de Irma e sim Otto. Realizara com o sonho o seu desejo de vingança, voltando a reprimenda para o Otto. Conclui que o sonho foi a realização de um desejo, seu motivo foi um desejo. Assim, ele se vinga do médico Otto e do médico M., quando colocou na sua boca uma frase estúpida. "Com efeito, eu parecia estar lhe voltando as costas para recorrer a alguém dotado de maiores conhecimentos (ao meu amigo que me falara da trimetilamina), tal como voltara de Irma para sua amiga e de Otto para Leopold. Levem essa gente daqui!"¹⁰.

Freud trata o sonho como uma separação e um apelo. Se por um lado dava as costas para um saber antigo, resistente, caduco, apela a um lugar onde havia suposto um

saber outro. É um sonho de transferência, ou seja, dito de outro modo: se o sonho está em condições de entregar um saber inédito, é na medida em que há ali um sujeito para além do sonhador. Dar o passo em sua direção foi o trabalho do sonho em Freud. E o seu relato o transmite e é o que se colhe cada vez que testemunhamos uma enunciação analisante. Freud deu o passo inaugural ao consentir a esse outrem que fala nele.

Esse passo, além de desmontar sua ambição, o colocou frente ao real criador. Serge Cottet destaca, do estilo freudiano, sua busca obstinada do acontecimento. Essa obstinação à qual estava ligado "como por uma força diabólica", diz Cottet, o levou ao desvendamento de algo que deveria permanecer oculto. As descobertas relativas ao inconsciente se devem a essa buliçosa e inquietante estranheza que convivia em Freud¹¹.

Lacan, no Seminário II, apresenta seus comentários separando o sonho em duas fases, grampeadas pelo passo além de Freud. Ali Freud deu uma guinada. Esse passo além fala do desejo de atravessar o mais além do eu, condição para suportar o conseqüente descentramento do sujeito. Essa ultrapassagem só foi possível por sua ancoragem no desejo inconsciente. Mas quem é esse desejo inconsciente, pergunta Lacan. Quem é ele, esse que é repellido e que causa horror ao sujeito?

Para responder a essa pergunta, no *Seminário 2* Lacan retorna a Freud e o coloca como um artesão do sonho, dizendo que a realização do desejo do sonho estaria em descartar a sua responsabilidade no fracasso do tratamento de Irma. Lacan interroga se seria mesmo assim, pois o que Freud declarava não passava de um desejo pré-consciente e até mesmo consciente, como mostra o fato dele ter passado a noite anterior com o desejo de se justificar. Mas se Freud extraiu desse sonho imensa satisfação e fez dele um modelo no qual verificou uma passagem, foi porque o passo fora

dado, como afirma Lacan. Porém, Lacan coloca Freud apenas como um escrevinhador, no lugar do autor do relato do sonho, apenas no segundo lugar. Mas então, qual é o sujeito do sonho?

Para chegarmos até aí vamos às duas fases do sonho, como proposto por Lacan naquele seminário. Na primeira parte, destaca-se a relação de Freud com as mulheres. As associações de Freud giram em torno da resistência feminina. De tal sorte que a mulher, neste leque de três - Irma, sua mulher e a mulher sedutora - apresenta diversas formas dessa miragem imaginária do eu que está em jogo. Elas estão aí limitando e trazendo dificuldades a Freud, dificuldades que embaraçam o "eu" que visa tudo saber e tudo curar.

Mas é no instante em que a paciente abre a boca que a descoberta horrível se apresenta, diz Lacan: "a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso [...], os secretados, a carne da qual tudo sai, [...] cuja forma é algo que provoca angústia". Continua Lacan: "visão da angústia, identificação da angústia, última revelação do 'és isso' [...]. Através dessa revelação Freud chega ao auge de sua precisão de ver, de saber, até então expressa no diálogo do eu com o objeto"¹².

Lacan chama atenção para o fato do sonhador não ter despertado ali, naquele momento onde o objeto de angústia se desvela. Aqui o orgânico se insurge como o real derradeiro, a carne que jamais se vê. Freud o designa como o "umbigo do sonho", um real que o sonho alcança, além da representação. O fundo das coisas se mostra como o impossível de saber.

Depois desse momento, as relações do sujeito mudam completamente no sonho. Agora é outra coisa, não se trata mais de Freud, não há mais ninguém que possa dizer "eu". A partir daí Freud cai fora e o sonho alcança o descentramento do sujeito lançado ao desconhecido, furo

real que delimita a fronteira entre o desejo do mestre e o do analista.

Se o sonho seguiu adiante foi porque além do desejo de saber surge um desejo inédito. A demanda do "*furor curandis*" não o levaria muito mais longe. Sim, "a seringa estava suja", eis o que Freud é levado a consentir. A sua insistência em tudo saber, sua ambição em triunfar, foram seus maiores obstáculos. Lacan responde que para seguir adiante, Freud caiu fora; e o sonho segue então sem o seu «eu», e um desejo outro o rasga para levar o sonho mais além, abrindo a via para um real último. "O desejo tem um caráter radicalmente rasgado"¹³.

Ai, sim, é que se encontra o sujeito. Para além do eu que quer tudo saber e sua ambição de tudo curar, o real do sonho entrega o furo na significação e o lança em direção ao sem sentido e ao trabalho do sonho, o que só é alcançado pela decomposição do eu.

É o que podemos colher na segunda fase do sonho: o descentramento do sujeito em suas diversas máscaras identificatórias, confirmando que o eu nada mais é do que simplesmente a soma das identificações. O sonho, desde então, toma sua forma desmembrada, absurda e disforme. Entram os médicos, o trio de palhaços e um diálogo sem costura. Esses são uns bufões, ironiza Lacan, são os loucos do rei. Dizem frases interrompidas que prestam o serviço de inocentar Freud de tudo, segundo o raciocínio da chaleira furada. Uma evidente decomposição das imagens do eu.

No sonho da injeção em Irma, isso se mostra. Um emaranhado de identificações que se cruzam e que enfim, sabe-se lá por que mistério, se amarram a uma fórmula, a da trimetilamina.

Cito Lacan: "Parece então que o sujeito se decompõe e desaparece. Há neste sonho o reconhecimento do caráter fundamentalmente acéfalo do sujeito, passado a certo limite. Este ponto está designado pelo AZ da fórmula da

trimetilamina". É nesse momento que se acha o eu do sujeito, ou seja, nesse momento advém o sujeito. Não se trata mais do eu na sua vertente imaginária, e sim do sujeito do inconsciente, realizando o "Onde o isso era deve o eu advir". "No ponto em que a hidra perdeu a cabeça uma voz, que não é senão a voz de ninguém, faz surgir a fórmula da trimetilamina [...]" uma cicatriz do impossível de dizer, de saber. A derradeira palavra de que se trata, injetando em Freud um desejo de ir além. "Essa palavra não quer dizer nada, senão que é uma palavra"¹⁴.

Lacan chama a atenção para o seu caráter quase delirante, e, com efeito, o é. E o seria ainda mais se Freud estivesse sozinho. Mas Freud quando nos comunica o segredo deste mistério luciferiano, como o descreve Lacan, não está mais sozinho.

Todo o esforço de Freud está em transmitir e orientar sua experiência a partir desse acontecimento, inaugurando assim de modo absolutamente inédito uma nova abordagem das neuroses. "O que está em jogo na função do sonho se acha para além do "eu", aquilo que no sujeito é do sujeito e não é do sujeito, ou seja, o inconsciente"¹⁵.

Em "Variantes do tratamento-padrão", Lacan esclarece que o pecado original de Freud é justamente o pecado original da psicanálise, que está presente na formação do analista, a saber, esse desejo de ir além do eu. Freud rasga os suportes identificatórios, atravessa o espaço transferencial em direção a um inconsciente real. Orientar a experiência a partir desse descentramento, a partir do real dessa experiência é o ponto de causa de onde emerge o que autoriza um analista. Daí surge um sujeito novo, um desejo inédito, que deseja escutar isso, saber fazer com isso, e não há como recuar. Freud, desde o sonho de Irma, não mais recuou. O desejo o autoriza.

Talvez por isso Lacan insista que o analista se autoriza por si mesmo e responde pelo pecado que nele

habita e agita, ou seja, seu desejo de ir além do eu. Para tanto é necessária a emergência de um desejo em condições de largar os poderes superiores e consentir com o que move as águas do inferno, uma coisica de nada, mais além do princípio do prazer.

¹ Virgílio (2005[19 a.C.]). *Eneida*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 170 e sgts.

² Freud, S. (1987[1900]). "A Interpretação dos Sonhos". In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 17.

³ Jones, E. (1970[1961]). *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 357.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 305.

⁵ Freud, S. (1987[1900]). *Op. cit.*, p. 38.

⁶ Idem. *Ibidem*, p. 122.

⁷ Idem. *Ibidem*, pp. 121 e sgts.

⁸ Lacan, J. (1987[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 174.

⁹ Freud, S. (1987[1900]). *Op. cit.*, pp. 128-129.

¹⁰ Idem. *Ibidem*, p. 139.

¹¹ Cottet, S. (1989). *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 68.

¹² Lacan, J. (1987[1954-1955]). *Op. cit.*, pp. 197-198.

¹³ Idem. *Ibidem*, p. 211.

¹⁴ Idem. *Ibidem*, p. 216.

¹⁵ Idem. *Ibidem*, p. 203.